O futebol na cultura uruguaia: a incorporação do fenômeno social a um projeto de nação

Football in uruguayan culture: the incorporation of the social phenomenon into a national project

Alexandre Diniz Santiago
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
São Paulo. SP
alexandre.diniz@unesp.br
https://orcid.org/0009-0007-8053-6735

Recebido em: 29 de maio de 2025
Aceito em: 03 de setembro de 2025

Resumo:

O futebol se disseminou rapidamente no Uruguai: já na década de 1890, milhares de espectadores compareciam às partidas mais relevantes disputadas em Montevidéu. Neste artigo, analisam-se aspectos históricos e sociais que contribuíram para que o futebol se tornasse precocemente um hábito nacional. Ademais, discute-se a relação de incentivo ao futebol por parte da ideologia batllista, hegemônica na política uruguaia ao longo das três primeiras décadas do século XX. Para a análise, foram consultadas as principais obras acerca das origens do futebol local, além de diversas edições do jornal El Día – de 1890 a 1930 – disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional do Uruguai. Este jornal representava um dos mais importantes veículos de imprensa uruguaios no período, atuando como porta-voz governista, ao ser de propriedade de José Batlle y Ordóñez, idealizador e principal líder político do batllismo. Conclui-se que a complexa rede de fatores apresentada e discutida conferiu ao futebol um posto particular na cultura e identidade nacional uruguaia.

Palavras-chave: Futebol. Cultura. *Batllismo*. Uruguai. Identidade.

Abstract:

Football spread rapidly in Uruguay: as early as the 1890s, thousands of spectators attended the most significant matches played in Montevideo. This article examines the historical and social factors that contributed to football's remarkably early transformation into a nationwide habit. Furthermore, it discusses how batllismo – the hegemonic political ideology in Uruguay during the first three decades of the 20th century – actively promoted the sport. For this analysis, the main published works about the origins of Uruguayan football were consulted, along with various editions of the newspaper El Día – from 1890 to 1930 – available in the collection of Uruguay's National Library. This press vehicle was one of the country's most important newspapers during the period, serving as a government mouthpiece as it was owned by José Batlle y Ordóñez, the visionary architect and main political leader of batllismo. The study concludes that the complex network of factors discussed granted football a particularly distinctive place in Uruguayan culture and national identity.

Keywords: Football. Identity and Culture. Batllismo. Uruguay. Identity.

O Uruguai da virada do século e a ascensão do *batllismo*

A virada do século XIX para o XX constituiu um período de profundas transformações no Uruguai a nível político e social. O país havia sido palco de uma pluralidade de guerras civis em suas primeiras décadas de existência, com destaque para a Guerra Grande, entre 1839 e 1851. Os constantes conflitos entre as duas principais forças políticas do país, centradas no Partido Nacional (conhecido como *blanco*) e no Partido Colorado, contribuíram para que as estruturas produtivas do país se tornassem defasadas: a nação ainda se encontrava consideravelmente centrada em uma produção pecuária de modelo pastoril e caudilhesco, que já não era capaz de atender às demandas do capitalismo global (Caetano e Rilla, 2005).

Esse panorama se alterou significativamente apenas a partir de 1904. Entre janeiro e setembro daquele ano, os exércitos *blanco* e *colorado* vivenciaram suas últimas batalhas, em enfrentamento cujo desfecho foi a rendição do exército *blanco* após a morte de seu principal líder, o caudilho Aparicio Saravia (Leites, 2006). A partir deste evento foi inaugurado um período de aproximadamente três décadas (1904-1933) de estabilidade política sob governos *colorados* eleitos. Os *blancos* passaram a exercer sua oposição pelas vias institucionais, ao invés de recorrer a conflitos armados. Foram anos marcados pela hegemonia do *batllismo*[1], corrente política que emergiu dentro do Partido Colorado e cujo nome faz referência a seu idealizador, José Batlle y Ordóñez, presidente do Uruguai entre 1903 e 1907 e entre 1911 e 1915 (Souza, 2003).

O *batllismo* adotou políticas protecionistas que visavam expandir a indústria uruguaia e reduzir o controle do capital britânico sobre a economia nacional, promovendo ainda estatizações de bancos, ferrovias e seguradoras, entre outros. Em termos sociais, essa corrente política tomou medidas pioneiras para o contexto sul-americano, como a fixação da jornada de trabalho em, no máximo, 8 horas diárias, a permissão do divórcio por vontade da mulher, sem a necessidade de justificativa, e a consolidação do processo de laicização do Estado (Cabral, 2011).

[1]Quando se discorre acerca dos *batllistas* e do *batllismo* neste artigo, refere-se aos políticos diretamente associados a José Batlle e à fração do Partido Colorado por ele capitaneada. Os *batllistas* do período analisado eram pessoas próximas a José Batlle, em geral frequentadoras das reuniões organizadas por esse grupo político, participantes do editorial do jornal *batllista El Día*, ou de ambos (Souza, 2003). Não se trata, portanto, das ressignificações políticas e ideológicas que o *batllismo* sofreu – e ainda sofre – nas décadas seguintes ao falecimento de seu idealizador, em 1929.

A matriz ideológica por trás dessas medidas é exposta por Claps e Lamas (1982): os autores explicam que o *batllismo* nutria aspirações modernizadoras baseadas num racionalismo idealista, ambicionando construir um país modelo, quase utópico. A nação desejada pelos *batllistas* seria composta por cidadãos intelectualizados, cultores das artes e avessos ao materialismo, ao passo que essa ideologia tomava a educação e a arte como caminhos para a chamada evolução do espírito, a qual seria prejudicada por mentalidades excessivamente utilitaristas ou materialistas (Claps e Lamas, 1982). Foi em meio a esse anseio por formar cidadãos considerados modernos que o futebol, já introduzido em território uruguaio desde a segunda metade do século XIX, chamou a atenção do *batllismo*.

Primeiros passos do *football* em Montevidéu

O futebol chegou à capital uruguaia como uma prática inicialmente restrita à diminuta comunidade britânica residente em Montevidéu, em meados da década de 1870. As primeiras instituições que se dedicaram ao esporte faziam parte dos núcleos de socialização britânica no Uruguai. Destacavam-se os clubes esportivos *Montevideo Cricket Club* e *Montevideo Rowing*, fundados em 1861 e 1874, respectivamente, além de colégios como o *English High School*, também de 1874 (Luzuriaga, 2019). Contudo, seria apenas em 1891 que surgiriam duas instituições essenciais para que o futebol extrapolasse a comunidade britânica e atraísse a atenção de milhares de montevideanos de diferentes origens.

Em primeiro lugar, cabe mencionar o *Central Uruguay Railway Cricket Club*, ou simplesmente *CURCC*. Essa instituição foi fundada na *Villa Peñarol*, bairro periférico da capital uruguaia onde estavam localizadas as instalações da *Central Uruguay Railway Company*, companhia ferroviária britânica que era, àquela altura, uma das maiores empresas operantes em território uruguaio. O clube criado por seus funcionários e dedicado não só ao críquete – mas também ao futebol –, adquiriu rápida popularidade no bairro (Álvarez e Haberkorn, 2014), crescendo fortemente apoiado pela companhia, a exemplo do que ocorria nas Ilhas Britânicas com clubes como o *West Ham*, o *Arsenal* e o *Manchester United*, times que se estabeleceram em seus primeiros anos vinculados a empresas (Alabarces, 2018).

Mais próximo das áreas centrais de Montevidéu, foi instituído também em 1891, o *Albion Football Club*. Tratava-se do primeiro clube uruguaio fundado com o objetivo de ter o futebol como sua principal atividade. Seus fundadores, jovens descendentes de britânicos nascidos no Uruguai, visavam tornar o futebol um esporte mais conhecido dentre a população de Montevidéu. Para tal, os membros do *Albion* abordavam diários locais na esperança de conseguir divulgar crônicas de partidas, ou mesmo publicar as regras do jogo – iniciativas que, nos primeiros anos de existência do clube, eram habitualmente ignoradas pela imprensa uruguaia (Luzuriaga, 2012).

O *CURCC*, com seu apelo popular associado ao bairro da *Villa Peñarol* e aos trabalhadores, e o *Albion*, com suas iniciativas em prol da propagação da prática do futebol no território uruguaio, fizeram com que, em poucos anos, o futebol passasse de esporte exótico e pouco conhecido a um hábito compartilhado por milhares de pessoas, inicialmente em Montevidéu e, em poucos anos, no restante do país. Para compreender esse processo, bem como a maneira pela qual o futebol atraiu olhares da política uruguaia, convém observar a importância dirigida a esse esporte por parte da imprensa local, em especial a *batllista*, detentora de um dos principais jornais uruguaios da virada do século XIX para o XX (Luzuriaga, 2019).

Figura 1: Bandeiras dos quatro clubes fundadores da Liga Uruguaia em 1900 (Albion, CURCC, Uruguay Athletic e DFK), expostas no Museu do Futebol do Estádio Centenário, em Montevidéu.



Fonte: Fotografia de Felipe Schmidt publicada em matéria do Globo Esporte de 23 de fevereiro de 2018. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/pivo-de-disputa-historica-clube-mais-antigo-do-uruguai-ressurge-no-profissionalismo.ghtml. Acesso em 21 de maio de 2025.

A disseminação do *football* na sociedade uruguaia e o *batllismo*

No início do século XX, a disputa política uruguaia era diretamente associada à disputa por leitores travada pelos principais veículos de imprensa do país. Trata-se de um período em que todas as forças políticas relevantes do Uruguai tinham seu próprio jornal[2], os quais funcionavam como porta-vozes desses grupos na batalha pela opinião pública. Os membros do Partido Nacional tinham o *La Democracia*, o *El País* e o *La Tribuna Popular*, o Partido Comunista tinha o *Justicia* e os socialistas tinham o *El Sol* (Morales, 2013), para citar alguns exemplos. Dentre os veículos de imprensa associados ao Partido Colorado, destacava-se o *El Día*, jornal fundado em 1886 por José Batlle y

[2] A importância da imprensa no Uruguai da virada do século se dava ao passo que o país possuía uma população altamente escolarizada e alfabetizada para o contexto sul-americano, em decorrência de amplas reformas escolares levadas a cabo por José Pedro Varela, Inspetor Nacional de Instrução Pública entre 1876 e 1879. Nesse sentido, a educação era percebida no país como canal de construção de cidadania e a imprensa emergia como terreno de debate político (Oroño, 2016).

Ordóñez e principal ferramenta pela qual os membros da ala *batllista* do partido expressavam suas visões (Souza, 2003).

Conforme o *batllismo* se consolidou no comando da política uruguaia a partir de 1904, o *El Día* passou a ser ainda mais relevante, ao passo que se tornou o porta-voz governista. Os diretores do jornal ao longo do período analisado eram intimamente ligados a José Batlle, como no caso de César Batlle Pacheco, um de seus filhos, bem como Pedro Manini Ríos e Héctor Rivadavia Gómez, seus apoiadores políticos – ainda que essas duas figuras posteriormente tenham rompido com José Batlle e, consequentemente, deixado o editorial do *El Día* (Garrido, 2016).

A relevância histórica desse diário, que atualmente funciona apenas em formato digital, fica evidente quando se percebe a imponência de sua última sede, um edifício no coração da principal avenida de Montevidéu, a 18 de julho. O prédio, que atualmente abriga um cassino, ainda ostenta no topo de sua fachada o nome *El Día*.

Figura 2: Antiga sede do jornal *El Día*, na avenida 18 de julho, em Montevidéu.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

O futebol passou a figurar nas páginas do jornal *batllista* em 1897, alguns anos antes de José Batlle ser eleito presidente do Uruguai pela primeira vez. Àquela altura, a população de Montevidéu começava a comparecer em maior número às partidas de futebol. O *Albion* havia encontrado a fórmula para atrair torcedores aos jogos: explorar a contraposição entre locais e estrangeiros que se expressava de forma marcante naquela sociedade. O Uruguai, e especialmente sua capital, ao longo de todo o século XIX, teve uma expressiva parcela de sua população composta por imigrantes europeus recém-chegados em diversas ondas migratórias que se sucederam. Em alguns anos, a parcela de imigrantes chegou a compor mais de 50% da população montevideana (Barrán, 1988).

Entre os estrangeiros que desembarcaram na capital uruguaia, a pequena comunidade inglesa, que representava menos de 1% da população da cidade, era um grupo com status social elevado, sendo os ingleses percebidos pela sociedade local quase como aristocratas (Morales, 1969). Para além de serem proprietários de algumas das mais importantes empresas em operação no Uruguai, como a mencionada *Central Uruguay Railway Company*, o poderio inglês também era simbolizado pelas diversas embarcações da marinha inglesa constantemente atracadas no porto de Montevidéu (Luzuriaga, 2019).

Foi justamente utilizando-se desse contexto que o *Albion* conseguiu atrair as primeiras multidões aos campos de futebol uruguaios. O clube passou a organizar partidas entre seus jogadores e as tripulações britânicas que estavam de passagem pela cidade, aproveitando-se da expectativa local de ver um clube uruguaio – ainda que composto por descendentes de britânicos – triunfar sobre marinheiros do país criador do futebol. Acerca de uma dessas ocasiões, o *El Día* publicou seu primeiro relato de uma partida de futebol, em abril de 1897:

> Um numeroso público assistiu ao grande jogo que ocorreu na quinta-feira entre os *teams* do *Albion Jootball* [*sic*] *Club* e o do cruzador inglês *Retribution*, que foi, sem dúvida, a partida mais disputada que já se jogou aqui.
> Ambos os times mostraram seu melhor jogo, mas, apesar de todos os esforços, o torneio terminou empatado a dois gols.
> [...] Para amanhã, domingo, está anunciado um grande jogo contra um *team* escolhido entre os cinco navios de guerra ingleses atracados no nosso porto (*El Día*, 17 de abril de 1897, p.1, tradução própria).

Gradativamente, o futebol atraía públicos mais expressivos aos campos da capital uruguaia, como descrito no trecho. As iniciativas promovidas pelo *Albion* desde 1891 apresentavam seus primeiros resultados, e o jornal *batllista* enxergava com bons olhos o novo hábito que se desenvolvia dentre os montevideanos:

> Amanhã, domingo, será jogada em *Punta Carretas* [bairro montevideano] a grande partida de revanche entre o *team* da esquadra inglesa e o do *Albion Football Club*. [...] Aos que nunca assistiram a esse tipo de jogo, dizemos que vale a pena presenciar. O jogo é divertido e exibe grande agilidade. O uso da cabeça, os tombos e os *scrimmages* [contendas] causam hilaridade entre os espectadores e, para coroar tudo, passa-se uma tarde ao ar livre respirando ar puro. A *Punta Carretas*, portanto, amanhã (*El Día*, 24 de abril de 1897, p. 1, tradução própria).

É interessante destacar que, para a maior parte da população uruguaia, o futebol ainda era praticamente desconhecido – por isso a apresentação realizada pelo jornal do

esporte como algo exótico e até engraçado, na percepção de pessoas que nunca haviam presenciado jogo semelhante. Apesar disso, rapidamente – menos de três meses após a publicação do trecho supracitado – uma grande quantidade de uruguaios já se engajava em praticar e aprender sobre o esporte bretão:

> Este jogo nobre e viril vem se desenvolvendo de maneira notável entre nós. Nosso público, há alguns anos, mostrava-se indiferente, e as partidas que se jogavam não atraíam mais do que um número reduzido de pessoas. Assim, assistia-se aos jogos apenas para se divertir, e agora adquiriu-se tamanho gosto [pelo futebol] que, apesar da época [em se tratando do frio que costuma fazer em junho em Montevidéu], estão sendo fundados novos clubes, porque os existentes não são suficientes para o grande número de entusiastas do interessante jogo (*El Día Noticioso*, 8 de junho de 1897, p. 1, tradução própria).

Paulatinamente, o futebol adquiriu popularidade em Montevidéu, em larga medida pela sua capacidade de promover socialização e expressão identitária. Fundar um clube constituía uma possibilidade de criar espaços de convívio direcionados a bairros, setores sociais (como grêmios estudantis e sindicatos) ou coletividades estrangeiras (Reisch, 2012). Em uma sociedade composta por grupos de diferentes culturas, idiomas nativos e tradições – como era o Uruguai do final do século XIX –, os clubes, além de fornecerem algumas das poucas opções disponíveis de lazer, funcionavam como símbolos pelos quais cada um de seus grupos fundadores afirmava sua identidade e interagia com as demais coletividades através da organização de partidas ou torneios.

A esse argumento, há que se acrescentar que a disputa simbólica expressa quando os clubes locais se enfrentavam servia como uma maneira de aliviar as tensões presentes no cotidiano. Em um contexto de urbanização e modernização acelerada, o esporte moderno cumpria o papel de proporcionar um espaço de violência controlada pelo qual as sociedades poderiam aliviar o estresse que a adaptação a esse novo modo de vida proporcionava (Elias e Dunning, 2019). O ápice dessa contraposição simbólica em solo uruguaio traduziu-se na rivalidade entre o *Club Nacional de Football*, fundado em 1899 e o *CURCC*, rebatizado *Club Atlético Peñarol*[3] a partir de 1913 (Mendiondo, 2003).

[3] Até hoje, é debatido no Uruguai se *CURCC* e *Peñarol* podem ser considerados a mesma instituição ou se, a partir do momento em que a *Central Uruguay Railway Company* se desvinculou do clube e este foi refundado como *Peñarol*, criou-se uma instituição distinta, herdeira das cores e da torcida do *CURCC*. A discussão é polêmica ao passo que implica em incluir ou não os títulos e vitórias conquistadas pelo *CURCC* no histórico do *Peñarol*. Vale ressaltar que, desde o século XIX, a imprensa comumente se referia ao *CURCC* como *Peñarol*, devido à identificação que o clube possuía com o bairro *Villa Peñarol*.

No imaginário popular do início do século XX, as duas instituições incorporavam mentalidades opostas. O *CURCC/Peñarol*, associado à *Central Uruguay Railway Company* e à periférica *Villa Peñarol*, era para seus adeptos a representação do operariado e dos imigrantes, visto que o clube aceitava em seu plantel trabalhadores ferroviários de quaisquer origens. Para os simpatizantes do *Nacional*, contudo, o rival simbolizava o imperialismo britânico e uma imigração incômoda para uma parcela da população uruguaia, que acreditava ter seus empregos ameaçados pelos estrangeiros (Luzuriaga, 2014). Nesse sentido, o *Nacional*, fundado por universitários, com as cores da bandeira de José Gervásio Artigas[4] e com o discurso de priorizar atletas nascidos em solo uruguaio, representava para seus adeptos um clube genuinamente nacional.

Enquanto a popularidade do futebol crescia vertiginosamente no Uruguai, a corrente política que governaria o país pelas três décadas seguintes comemorava sua disseminação através das páginas de seu diário:

> Não há nenhuma diversão pública, nenhum tipo de esporte que tenha se propagado e prestigiado tanto e tão rapidamente entre nós como o *football*. [...] o que até ontem era uma verde colina solitária [...] duas ou três sociedades recreativas e poucos grupos de passeantes [...] é hoje um verdadeiro passeio, um centro de reunião, de sociedade e de diversões campestres às portas da cidade (*El Día*, 4 de julho de 1898, p. 4, tradução própria).

A postura do *El Día* instiga o questionamento: por que um setor da política uruguaia simpatizou em tal medida com um esporte que, àquela altura, era ainda um hábito que iniciava sua trajetória de incorporação à cultura local? Seria, talvez, uma tática comercial – uma forma de atrair leitores ao publicar sobre o novo passatempo predileto de centenas ou milhares de uruguaios? Nos próximos parágrafos, serão analisados extratos que apontam para um panorama mais complexo: o futebol era conveniente a diversos aspectos do *batllismo* enquanto ideologia e, mais especificamente, ao modelo de nação defendido pelos *batllistas*.

Primeiramente, o futebol exercia o papel de integrar os distintos bairros de uma Montevidéu ainda em processo de urbanização, ao promover deslocamentos de grandes massas de pessoas a diferentes localidades para disputar ou presenciar partidas. Em uma

[4] Principal líder da Revolução Oriental, conflito travado em solo uruguaio contra o domínio espanhol ao longo da década de 1810. Apesar de ter sido um defensor, não de um Uruguai completamente independente, mas sim participante de uma confederação com os demais povos do antigo Vice-Reino do Rio da Prata (Street, 1967), Artigas é amplamente considerado o pai da nacionalidade uruguaia, tendo sua imagem disposta em uma imponente estátua no centro da Praça Independência, no coração de Montevidéu, e seu rosto estampado em moedas de peso uruguaio.

sociedade em que grupos imigrantes muitas vezes se isolavam em guetos, esse movimento era fundamental para a integração daqueles grupos e fomento de um senso de comunidade. Nesse sentido, um dos grandes agentes promotores do futebol uruguaio em suas origens foram as empresas de bondes, que apoiavam financeiramente alguns clubes e ofereciam serviços especiais em dias de jogos, já que lucravam com os deslocamentos de torcedores (Luzuriaga, 2019).

Com o passar dos anos, a integração social promovida pelo futebol extrapolou os limites de Montevidéu e chegou ao interior uruguaio. Novos clubes foram fundados em diversas localidades do país, e grandes festas eram realizadas quando estes eram visitados pelos times capitalinos. Ao relatar uma dessas ocasiões, em que o *Albion* visitou a cidade de *Pando*, no departamento de *Canelones*, a cerca de 35 km de Montevidéu, o *El Día* ressaltou os benefícios do futebol para a sociedade local:

> Essas viagens são, sob todos os aspectos, dignas de aplausos. Além dos prazeres que oferece o jogo, estabelecem-se e estreitam-se relações entre juventudes e povos da mesma terrinha, que bastante falta lhes faz, pese as distâncias que os privam de comunhões assíduas em festas sociais, reuniões ao ar livre, centros de *sports*, etc. (*El Día*, 14 de março de 1903, p. 2, tradução própria).

Além de proporcionar novos espaços de socialização, o ambiente futebolístico reforçava um aspecto fundamental ao ideal *batllista* de democracia. Trata-se da ocultação das diferenças sociais: a sociedade uruguaia do período analisado enraizou a ideia de que todos são membros da classe média – noção que se manteve no imaginário nacional até os dias atuais (Morales, 2013).

A contribuição do futebol para essa mentalidade vem ao passo que esse esporte estabelece uma estrutura na qual as pessoas ignoram momentaneamente as desigualdades e se organizam numa lógica baseada em escolhas, como a do time que se vai apoiar (Da Matta, 1982). Nela, indivíduos de distintas classes sociais se unem em prol de um objetivo em comum, adornados por uma simbologia de igualitarismo que se inicia no uniforme (Flores, 1982). O *El Día* valorizava esse aspecto desde as primeiras décadas do futebol uruguaio:

> Este tipo de festas tem, acima de tudo, uma virtude: a de democratizar nossa aristocracia (se é lícito o termo), graças à promiscuidade em que se envolvem os elementos das diferentes classes sociais.
> Faltava-nos uma diversão eminentemente popular, como a do *football*, que atraísse também o favor das pessoas acomodadas, que fosse acessível a todos os elementos populares e que tivesse a aptidão de atrair essas ondas imensas de povo, em que não há distinção de prestígios sociais, nem os

> desnivelamentos caprichosos da fortuna, nem outras diferenças além daquelas que a idade, o sexo, etc., impõem pelas regras mais elementares (*El Día*, 31 de julho de 1899, p. 1, tradução própria).

Seguindo a mesma lógica, o diário incentivava e comemorava o constante comparecimento de mulheres às partidas – apesar do machismo sistematicamente reproduzido nos estádios de futebol ao redor do mundo, narrativamente o futebol uruguaio era tratado como um ambiente de inclusão simbólica.

Outro aspecto celebrado pelo jornal *batllista* foi o caráter do futebol enquanto festa social dissociada da religião, já que tratava-se de um movimento político defensor implacável do Estado laico (Souza, 2003):

> Adeus festas de Corpus Christi! O povo montevideano, de tradição profundamente religiosa, que em outras épocas lotava os templos para assistir às funções sagradas, hoje os deixa abandonados para presenciar os torneios pagãos do *football*.
> Como previámos, uma enorme multidão se espalhava ontem pelo amplo local do *Albion*, deixando as ruas de Montevidéu abandonadas, e mais tristes que nunca os repiques dos sinos, à medida que a massa rebelde dos fiéis ignorava seu chamado [...] (*El Día*, 2 de junho de 1899, p. 2, tradução própria).

O Uruguai, apesar de possuir uma população expressiva de católicos, historicamente é um país menos religioso que o restante das nações latino americanas. Os 42% de uruguaios que se consideravam católicos em 2014 representam uma porcentagem consideravelmente menor que os 71% de argentinos ou os 89% de paraguaios que assim se denominavam. Ademais, 28% dos uruguaios consideram a religião um aspecto bastante importante em suas vidas, representando menos de um terço da população (*Pew Research Center*, 2014). A relativamente reduzida presença do catolicismo em solo uruguaio reflete décadas de políticas laicizantes, iniciadas no século XIX e consolidadas ao longo do período de hegemonia *batllista* (Souza, 2003).

Nesse sentido, o *El Día*, no último trecho transcrito, associa o esvaziamento dos espaços comunitários religiosos ao preenchimento dos estádios e campos de futebol. Assim, na visão exposta pelo jornal, o futebol era agente indireto do processo de secularização uruguaio. De fato, Elias e Dunning (2019) lançam a hipótese de que o futebol poderia ser considerado a religião secular dos novos tempos, devido à importância que esse esporte adquiriu na vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Em cenários nos quais as pessoas se afastam das religiões institucionalizadas, novas formas de religiosidade tendem a emergir (Gauchet, 2005), com elementos

culturais posicionando-se no centro da vida moderna – como é o caso do esporte. Uma associação desse porte ainda no século XIX é sintomático das particularidades da sociedade uruguaia, bem como do caráter idealista do *batllismo* e de seu projeto de nação. Adicionalmente, acreditava-se que o futebol seria capaz de formar uma nova juventude no Uruguai:

> Com esse *sport*, que pelas condições de suas regras carrega um selo guerreiro – de guerra nobre, guerra cavalheiresca [...] nossos homens do amanhã estão inoculando um espírito que, presumivelmente, representa uma sub-alma, algo que é força e vida, que os afastará, pouco a pouco, da monótona e estéril rotina da vida cotidiana, neste país que, apesar de todas as amenidades que a Natureza oferece, não tem os atrativos que alegram, que impressionam – as novidades, o incentivo das iniciativas, do novo, que são a felicidade de outros povos e de outras raças.
> [...] Nós não falamos por falar; apresentamos apenas como argumentos indiscutíveis os grandes progressos, a passos largos, que esse *sport* teve entre nós. Em todos os campos, em todos os terrenos baldios, nas praças, nas ruas, não se veem mais do que pernas e bolas em movimento, e *gentlemen* e *boys* arranhando as palavras técnicas em inglês do jogo; em todas as bocas jovens, não há outro assunto senão *football* e sempre *football*. Esse é o nosso argumento. E esse impulso da cidade encontrou eco vibrante no interior (*El Día*, 31 de agosto de 1902, p. 1, tradução própria).

Em se tratando de um país de população reduzida, o diário reconheceu que o Uruguai não fornecia tantas opções de entretenimento à sua juventude na mesma medida em que os grandes centros urbanos de nações maiores. Dessa forma, o esporte aparecia como um elemento capaz de potencializar aquilo que o *El Día* chama de *espírito* dos jovens uruguaios.

Anteriormente discutiu-se que o modelo de cidadão *batllista*, o uruguaio do futuro idealizado, era um cidadão intelectualmente culto e apreciador das artes – da mesma maneira, conferia-se importância à educação física para aquela sociedade. Desde o final do século XIX, os programas escolares europeus já incorporavam a educação física como uma de suas prioridades (Reisch, 2012), mentalidade que seria endossada no Uruguai, como exposto no trecho:

> Como sempre, os *match* [*sic*] entre clubes da categoria dos mencionados [partidas da liga uruguaia de futebol] proporcionam o ponto mais alto das emoções aos espectadores amantes deste *sport* oriundo da Inglaterra, o país atlético por excelência, que sempre considerou como uma de suas principais preocupações dar a seus filhos, em iguais proporções, a educação intelectual e física, como o principal meio de fornecer à raça que o habita a força necessária para marchar à dianteira das nações do mundo (*El Día*, 11 de maio de 1901, p. 2, tradução própria).

Inspirando-se no modelo educacional inglês, a imprensa *batllista* acreditava no esporte como caminho para fomentar a educação física em meio à população uruguaia. Nesse contexto, o futebol se disseminava em três níveis no país. No topo, encontrava-se a *Uruguay Association Football League*, fundada em 1900 pelos conhecidos e já poderosos clubes do *CURCC*, *Albion*, somados ao *Uruguay Athletic* e *DFK* – clube de imigrantes alemães em Montevidéu. Em 1901, somou-se à liga o *Nacional*, fundado dois anos antes. O segundo nível da hierarquia futebolística uruguaia era constituído por ligas não-oficiais e campeonatos paralelos que se desenvolviam tanto na capital quanto no interior. Finalmente, na base da pirâmide, havia uma multiplicidade de times locais que realizavam amistosos, além do futebol jogado nas praças e terrenos baldios. O futebol como hábito se propagou precocemente no Uruguai (Luzuriaga, 2019).

Outro aspecto interessante que aflorou no futebol uruguaio ao longo dos anos foi o chamado espírito localista. Apesar de ser uma sociedade pouco integrada, como discutimos, a população uruguaia da virada do século demonstrou forte disposição para apoiar os times locais quando estes eram visitados por equipes de fora do país – num primeiro momento, de marinheiros britânicos e, com menos frequência, equipes de Buenos Aires, Argentina. No caso específico dos times portenhos, evidenciava-se um sentimento de rivalidade por parte dos uruguaios para com os atletas do país vizinho, desde os primeiros confrontos de que se tem registro.

Nas palavras da imprensa *batllista,* era "o espírito de localismo, que tão fortemente tem atraído a estas nobres competições em que se coloca à prova, na ordem física, a superioridade dos bandos cis e trasplatinos" (*El Día*, 1 de junho de 1899, p. 1, tradução própria). Por vezes, esse sentimento extrapolava o limite do tolerável, resultando em diversos casos de paralisação de partidas por invasões, tumultos e atos de violência nos jogos entre clubes uruguaios e argentinos ao longo dos primeiros anos do futebol rioplatense – episódios que ocorriam tanto em Montevidéu como em Buenos Aires. Em relação ao comportamento dos uruguaios, o jornal observou que "inimigos natos e implacáveis de tudo o que não tenha o sabor local, os rapazes o são ainda mais em relação aos argentinos, por esse espírito de rivalidade entre vizinhos que tanto se desenvolve na massa popular" (*El Día*, 25 de setembro de 1899, p. 2, tradução própria).

A longeva rivalidade entre uruguaios e argentinos tem como uma de suas raízes históricas a disputa comercial entre os portos de Buenos Aires e Montevidéu que se manifestava desde os tempos da colonização espanhola (Bayce, 2014). Após a

independência uruguaia, em 1830 e, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, as narrativas nacionalistas uruguaias focaram em se afastar da identidade rioplatense – que associava argentinos e uruguaios com base em suas similaridades históricas e culturais – e reivindicar elementos tidos como exclusivamente uruguaios, como o enaltecimento da figura de José Artigas (Morales, 2013). Os primeiros anos do futebol na região se deram justamente no momento em que o Uruguai buscava se afirmar enquanto nação e se diferenciar de seus vizinhos à outra margem do Prata, ponto que ajuda a compreender a hostilidade do público montevideano.

A partir de 1902, as duas nações puderam expressar sua contraposição futebolística através de equipes nacionais. As partidas entre seleções ainda eram uma novidade na maior parte do mundo, de maneira que uruguaios e argentinos foram pioneiros em realizar esse tipo de confronto fora das Ilhas Britânicas. Os primeiros anos da seleção uruguaia, contudo, foram decepcionantes para os torcedores locais, haja vista a larga superioridade do lado argentino. A primeira edição oficial do clássico rioplatense – como ficaram conhecidas as partidas entre Uruguai e Argentina no futebol – foi também a pior derrota sofrida pelos uruguaios até hoje: um 6 a 0 aplicado pelos visitantes em plena Montevidéu, em 20 de julho de 1902. De todo modo, o clássico rioplatense logo se converteu em tradição: foram instituídas diversas competições anuais amistosas entre os dois países, como a *Copa Lipton* (a partir de 1905) e a Copa *Newton* (desde 1906). Os jogos eram tão frequentes que, somente no ano de 1913, uruguaios e argentinos chegaram a realizar onze partidas oficiais entre si (AUF, 2025).

Com o passar dos anos, os uruguaios lograram melhorar seu retrospecto: a partir de meados de 1910, aumentou expressivamente a quantidade de vitórias do Uruguai no clássico. Foi nesse mesmo ano que a seleção uruguaia adotou seu maior símbolo: a camisa azul-celeste (Morales, 2013). Foi com ela que os uruguaios vivenciaram seus primeiros momentos de glória futebolística, como a conquista do primeiro Campeonato Sul-Americano de Futebol – atual Copa América –, em Buenos Aires, em 1916. Àquela altura, a seleção já havia se convertido em elemento de orgulho pátrio, sustentado pelas narrativas da imprensa local:

> O *football* nacional acaba de conquistar seu mais belo laurel com a vitória de seus representantes no Certame Sul-americano de Football. [...] Os progressos que o *football* fez em nosso país já haviam tido ocasião de ser avaliados. De fato, há muitos anos, nossos *teams* vinham disputando com eficácia e brilho os distintos torneios internacionais. Onde quer que um *team* uruguaio tenha levado seu jogo, sempre soube deixar bem representados seus

> prestígios. Por isso, esperávamos, se não o triunfo, uma atuação excepcional. [...] Deixaram na Argentina, no ânimo de quantos intervieram no Certame, não só a sensação de uma força voraz e respeitável, mas também de correção *sportiva* e hombridade de bem. Em uma palavra, nos honraram (*El Día*, 18 de julho de 1916, p. 5, tradução própria).

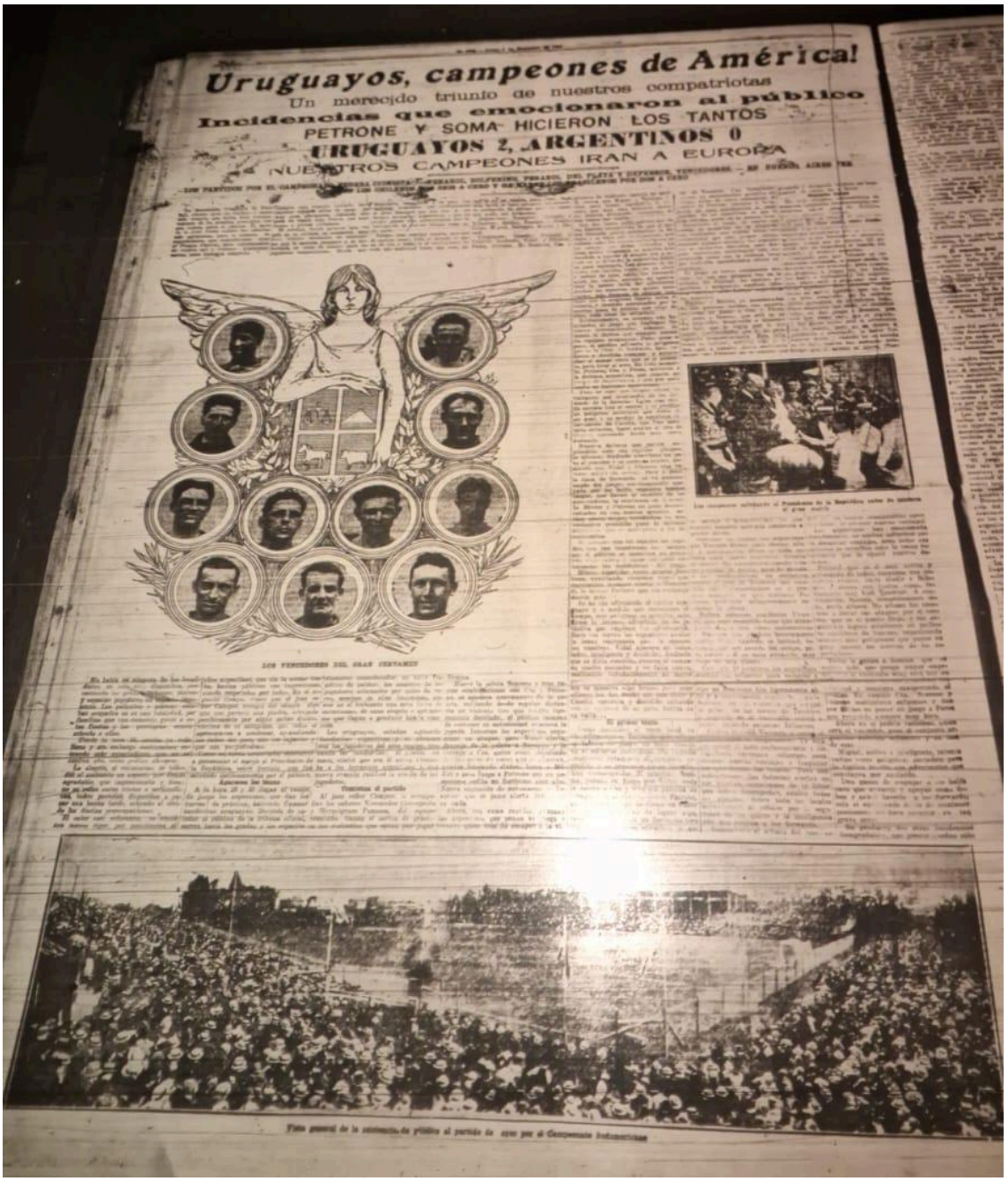
Para além do discurso de orgulho pátrio do influente *El Día*, os acontecimentos sociais em torno da seleção demonstravam que havia se criado uma cultura de cerimônia de massas em torno do time nacional, como observa-se nesse trecho, relatando a vitória na final sul-americana de 1916:

> O entusiasmo popular provocado pelo sucesso dos uruguaios no Certame Sul-Americano de Football transbordou em manifestações entusiásticas e ruidosas. Ao se confirmar a boa nova, ao entardecer, formaram-se núcleos por toda a Cidade Velha, que depois se concentraram em torno da Praça Independência e se unificaram. Uma manifestação popular, composta por vários milhares de pessoas, organizou-se ao cair da tarde. À noite, diversas colunas, exaltadas por um intenso entusiasmo, percorreram a Avenida 18 de Julho até a sede da Associação de Football, onde entoaram o hino nacional. Os manifestantes carregavam várias bandeiras nacionais (*El Día*, 18 de julho de 1916, p. 5, tradução própria).

O Uruguai precocemente transformou o futebol em um de seus principais, senão o principal, terrenos de manifestação nacionalista. Não era por acaso, já que o país fora pioneiro em estabelecer dominância continental apoiada em resultados. A América do Sul foi a primeira região a organizar torneios continentais de futebol, e o Uruguai se sagrou campeão em sete das primeiras treze edições, entre 1916 e 1935 (AUF, 2025). A Argentina, com quatro títulos, e o Brasil, com dois, mal chegavam perto dos números uruguaios. Criou-se o hábito de sair às ruas para festejar as vitórias da seleção e receber os atletas quando regressavam de torneios no exterior. Esse hábito era amplamente incentivada pelo diário porta-voz governista, que convocava a população para receber os atletas, tratados como verdadeiros heróis pátrios, mesmo quando não conseguiam o triunfo, como no Sul-Americano de 1919:

> Iniciativa do *El Día* – Os *sportsmen* uruguaios que, no Rio de Janeiro, defendem as cores pátrias na contenda esportiva de maior importância no continente sul-americano são merecedores de uma recepção popular em seu retorno, expressando a satisfação do nosso público diante da certeza de que nosso país foi representado por um digno expoente de nossas forças desportivas.
> [...] Campeões ou não, o povo montevideano deve recepcionar nossos jogadores, reunindo-se em massa em sua chegada.
> O *El Día* lança essa proposta com a certeza de que será bem recebida (*El Día*, 14 de maio de 1919, p. 6, tradução própria).

Figura 3: Matéria do *El Día* de 3 dez. 1923, celebrando o título sul-americano uruguaio daquele ano. No centro da imagem, uma arte com retratos dos jogadores do time nacional em volta da deusa grega da vitória, Nice, segurando o brasão de armas do Uruguai. Mais abaixo, uma foto do público que compareceu ao estádio *Gran Parque Central*, em Montevidéu, para presenciar a partida final.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Àquela altura, o Uruguai havia vivenciado anos de amplo crescimento econômico e confiança por parte do mercado externo nos governos *batllistas* (Nahum, 1974). O país também havia logrado ampliar uma série de direitos sociais e trabalhistas,

sobretudo a partir do segundo mandato presidencial (1911-1915) de José Batlle (Cabral, 2011). Nesse sentido, a seleção era usada como símbolo para a população de que o país-modelo idealizado pelo *batllismo* estaria, de fato, se concretizando. Contudo, o ápice desse discurso se daria a partir das medalhas de ouro conquistadas pela seleção uruguaia em 1924 e 1928 e, sobretudo, com o sediamento e conquista da primeira Copa do Mundo da história, realizada em Montevidéu, em 1930.

Após o título olímpico alcançado em 1924, na França, propagou-se uma narrativa que não apenas apontava o Uruguai como modelo, como também posicionava a nação na dianteira de um sentimento pan-americanista, no qual os países da América, simbolizados pelos uruguaios, superavam a Europa:

> Uma dupla significação tem para nós o objetivo alcançado pelos bravos jovens cultores do *football*.
> A de ter exibido o emblema pátrio diante de um mundo que quase ignorava nossa existência; e a de ter demonstrado, além disso, nossa superioridade física.
> Ambas realidades obrigam o reconhecimento nacional para com os Campeões do Mundo. [...] [A conquista] demonstra que a raça forte de hoje, os homens mais bem dotados fisicamente, os corpos mais completos onde poderão habitar os espíritos saudáveis, estão na jovem América, como demonstraram plenamente os filhos de uma de suas pequenas repúblicas: os da nossa (*El Día*, 13 de junho de 1924, p. 9, tradução própria).

Figura 4: Matéria do *El Día* de 10 jun. 1924, celebrando a conquista da primeira medalha de ouro olímpica uruguaia no futebol. O torneio olímpico era comumente chamado de campeonato mundial pela imprensa, em se tratando de um período em que a Copa do Mundo ainda não havia sido criada. Mais abaixo, foto da multidão que saiu às ruas de Montevidéu para celebrar a conquista.


El team invencible de la Asociación Uruguaya de Football
CONQUISTA EL
CAMPEONATO DEL MUNDO
Montevideo, Ciudad de la Victoria, festejo
delirantemente la obtención del glorioso título

Fonte: Acervo do autor, 2024.

De fato, para países menores, a atividade esportiva internacional muitas vezes surge como o canal mais acessível para se obter visibilidade (Rhamey Jr. e Early, 2013). A ideia de "colocar o Uruguai no mapa-múndi", contudo, não era apenas uma busca por projeção externa, como também uma forma de elevar a autoestima da sociedade uruguaia perante a nação. Promovia-se a noção de que o país, apesar de menor em termos de território e população do que seus vizinhos, constituía um exemplo a ser seguido em distintas áreas: o discurso de excepcionalidade uruguaia.

Objetivando fortalecer essa questão, a imprensa nacional preparou uma novidade para os Jogos Olímpicos de 1928, nos Países Baixos. O *El Día* instalou uma

sirene em sua sede, capaz de ser ouvida até nas áreas rurais de Montevidéu, para informar ao público o mais rápido possível acerca das jogadas que se desenrolavam nas partidas da seleção uruguaia no torneio olímpico:

> Não deve restar nenhum habitante de Montevidéu que ainda não tenha ouvido o chamado da sirene que o *El Día* instalou em seu novo edifício na Avenida 18 de Julho, esquina com Yaguarón.
> Como se trata de uma sirene completa, na qual é possível gravar sons à vontade, pensamos em estabelecer um código de sinais, para que, por meio deles, possam se informar sobre o andamento da partida aqueles que não podem abandonar suas ocupações ou vivem fora do perímetro urbano (*El Día*, 29 de maio de 1928, p. 8, tradução própria).

De forma pioneira, os habitantes da capital eram expostos a uma forma rudimentar de transmissão ao vivo de uma partida de futebol, atestando para a relevância que esse esporte e, sobretudo, a seleção nacional, haviam conquistado entre os uruguaios. Na realidade, há quase duas décadas o *El Día* já ensaiava esse tipo de cobertura: em 15 de agosto de 1909, o jornal *batllista* convocou seus leitores para se reunirem em frente a sua sede, onde seriam comunicados, via informações telegráficas, dos lances ocorridos na partida entre Uruguai e Argentina, que seria disputada naquele mesmo dia, em Buenos Aires, pela *Copa Lipton*. Nesse sentido, a imprensa exercia papel fundamental para aproximar os uruguaios de sua seleção, fortalecendo a narrativa de que seus atletas eram heróis nacionais, como é perceptível nesse trecho, referente ao bicampeonato olímpico de 1928:

> Como a Grécia, pequenos, mas sempre tendendo à perfeição, associamos as lutas do espírito às lutas do músculo, e do consórcio dessas duas atividades superiores, assim como faziam os helenos, surgiram centenas de homens novos, gestados em uma democracia poderosa e única, homens que encontraram nos campos de esportes do pequeno Uruguai um amplo espaço para se superarem superando.
> Foram necessários muitos anos de luta formidável, única, para que conseguíssemos ser campeões, para que os públicos de todos os países e de todas as latitudes, assombrados com o espetáculo de elegância e valor que os jogadores do minúsculo Uruguai apresentavam, se estremecessem violentamente de entusiasmo quando os magos do *footballismo* mundial [...] se engrandeceram nas lutas bravas e triunfaram (*El Día*, 10 de junho de 1928, p. 6, tradução própria).

É notável o nacionalismo exacerbado da perspectiva *batllista*, que em alguns aspectos flertava com a xenofobia (Souza, 2003).

Da mesma maneira, é evidente o esforço de décadas dessa corrente política em promover o Uruguai por meio do futebol. Em 1916, a criação da Confederação

Sul-Americana de Futebol, responsável por organizar os Campeonatos Sul-Americanos, foi arquitetada por Héctor Gómez, dirigente esportivo uruguaio que inicialmente fizera parte dos círculos *batllistas* e do editorial do *El Día* (Garrido, 2016). Em 1924, a maior parte do financiamento da viagem dos uruguaios à Paris para os Jogos Olímpicos foi custeada por Atilio Narancio, político pertencente à ala *batllista* e diretamente associado a José Batlle (Lombardo, 1993).

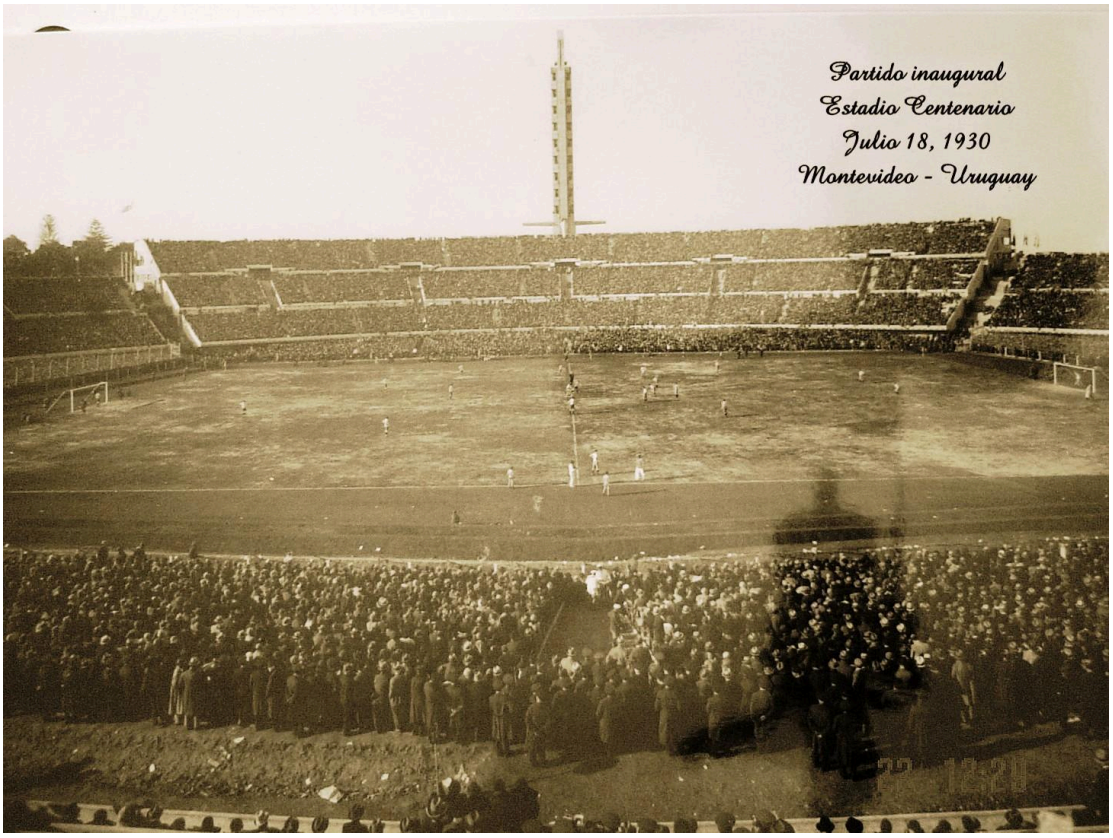
Finalmente, o Estado uruguaio colocaria em prática seu plano mais ambicioso no que tange o futebol a partir do momento em que foi escolhido, no congresso da FIFA de 1929, como sede da primeira Copa do Mundo da história, em 1930. Para vencer a concorrência, o governo do país se dispôs a custear as viagens e hospedagens de todas as delegações estrangeiras, proposta que nenhuma das outras candidaturas foi capaz de cobrir (D'Amado, 2020). Tamanha disposição para sediar o torneio precisa ser contextualizada: além da festa esportiva, o mundial faria parte das festividades do centenário da independência uruguaia, celebrado em 1930.

Como palco principal do torneio, foi erguido o faraônico – para a época – Estádio Centenário, com capacidade para aproximadamente 70 mil torcedores (Morales, 2013), mais de 10% da população de Montevidéu àquela altura, que chegava a cerca de 655 mil habitantes (Pellegrino, 2010). Naquele estádio, cujos setores homenageavam em seus nomes as conquistas olímpicas uruguaias – *Olímpica*, *Colombes*[5] e *Amsterdam*, sendo as duas últimas em referência aos locais onde ocorreram as conquistas de 1924 e 1928, respectivamente – consolidariam-se as cerimônias de culto à seleção uruguaia.

Em todas as partidas da seleção uruguaia na Copa do Mundo, o Centenário se viu lotado (AUF, 2025), com destaque (i) para a estreia, na mesma data correspondente ao centenário do juramento da primeira constituição uruguaia (18 de julho), e (ii) para a final, em que o Uruguai se sagrou campeão mundial ao derrotar seus rivais argentinos pelo placar de 4 a 2. O evento e a conquista do título solidificaram o lugar do futebol na cultura local, ao passo que as celebrações do centenário da nação constituíram um momento-chave para a construção e consolidação da identidade nacional uruguaia (Caetano, 1992). O aspecto político das comemorações mesclou-se à euforia popular em torno da seleção: o nacionalismo uruguaio novamente se expressava associado à *celeste* – apelido conferido à seleção de futebol do país.

[5] Referência à comuna francesa onde foi disputada a final olímpica de 1924.

Figura 5: Estádio Centenário em sua inauguração, em 18 de julho de 1930, dia do centenário do juramento da primeira constituição uruguaia e da estreia da seleção local na Copa do Mundo de 1930.



Fonte: Fotografia pertencente ao acervo digital do Estádio Centenário. Disponível em: https://www.estadiocentenario.com.uy/pt/institucional/historia. Acesso em: 25 de maio de 2025.

Figura 6: Arte publicada pelo *El Día* em 31 jul. 1930 em homenagem à conquista da Copa do Mundo de 1930, em meio às comemorações do centenário da independência uruguaia.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Considerações Finais

A partir da análise da bibliografia disponível sobre o desenvolvimento do futebol uruguaio em suas primeiras décadas, somada à consulta do diário *El Día* no

período, fica evidente quão complexo foi o processo de disseminação desse esporte no país.

Uma série de fatores contribuiu para que o futebol adquirisse o status de passatempo preferido de boa parte da população montevideana – e mais tarde, uruguaia como um todo – ainda no século XIX. A presença da comunidade britânica em Montevidéu, os esforços dos atletas do *Albion* em divulgar o jogo para além dos ambientes de socialização britânicos, o apoio das companhias de bondes aos clubes e, em especial, da *Central Uruguay Railway Company* ao popular clube a ela filiado, foram alguns dos fatores que deram o pontapé inicial para a explosão de popularidade do esporte bretão no Uruguai.

A partir daí, o *batllismo*, corrente política mais poderosa do país nas três primeiras décadas do século XX, adquiriu interesse no esporte e passou a fomentá-lo através das páginas do influente *El Día*. A relação de apoio político ao futebol, somada aos bons resultados conquistados pelos atletas uruguaios em campo, contribuíram para a criação de uma cultura de enaltecimento e organização de festividades populares em torno da seleção nacional.

Em se tratando de um momento em que a jovem nação buscava integrar sua sociedade e, sobretudo, afirmar sua nacionalidade para além da identidade rioplatense – compartilhada com os argentinos –, podemos afirmar que o futebol enraizou-se profundamente na cultura uruguaia. De fato, o sucesso do futebol enquanto fenômeno social, aliado à sua incorporação a um projeto político duradouro, conferiram a esse esporte um papel social único e longevo no Uruguai, perdurando até os dias atuais.

Referências

ALABARCES, Pablo. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. Cidade do México, El Colegio de México, 2018.

ALVAREZ, Luciano; HABERKORN, Leonardo. *Historia de Peñarol*. Montevidéu, Aguilar, 2014.

ASSOCIAÇÃO URUGUAIA DE FUTEBOL (AUF), *Histórico de Partidos*, Montevidéu, 2025. Disponível em: https://www.auf.org.uy/historico-partidos/1/. Acesso em: 22 mai. 2025.

BARRÁN, José Pedro. *Iglesia Católica y burguesía en el Uruguay de la modernización (1860-1900)*. Montevidéu, Facultad de Humanidades y Ciencias, Departamento de

Publicaciones, 1988.

BAYCE, Rafael. *El sinuoso proceso de constitución de la identidad nacional y futbolística.* Cuaderno de Historia 14: A romper la red: Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad, Montevidéu, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 14, p. 47-62, 2014.

CABRAL, José Pedro Cabrera. *Bases do reformismo nacionalista uruguaio: as reformas batllistas no início do século XX*. Revista Territórios e Fronteiras, Cuiabá, v. 4, n. 1, p. 129-151, 2011.

CAETANO, Gerardo. *Identidad nacional e imaginario colectivo en Uruguay. La síntesis perdurable del Centenario. In*: ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (org.). Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?. Montevidéu, Trilce, 1992. p. 75-96.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José Pedro. *Historia contemporánea del Uruguay*: de la colonia al siglo XXI. Montevidéu, CLAEH-Fin de Siglo, 2005.

CLAPS, Manuel A.; LAMAS, Mario Daniel. *Algunos aspectos de la estructura ideológica del Batllismo*. Investigación Económica, Cidade do México, v. 41, n. 162, p. 219-265, 1982.

D'AMADO, Lorenzo Jalabert. *Montevideo 1930: reassessing the selection of the first World Cup host*. Soccer & Society, Londres, v. 21, p. 848-860, 2020.

DA MATTA, Roberto. *Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o futebol brasileiro*. *In*: DA MATTA, Roberto et al. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*: *Desporto e Lazer no Processo Civilizacional.* Lisboa, Edições 70, 2019.

FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. Na Zona do Agrião: *Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol*, *In*: DA MATTA, Roberto et al. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982. p. 43-58.

GARRIDO, Atilio. *Héctor Gómez: un hombre de acción: 100 años de la Conmebol*. Montevidéu, Ediciones de la AUF, 2016.

GAUCHET, Marcel. *El desencantamiento del mundo*: *Una historia política de la religión*. Madrid, Trotta, 2005.

LEITES, Lino. La Campaña Militar de 1904. *In*: ROSALES, Jorge; GROSSI; Hugo; OLIVERO, José (org.). *Boletín Histórico del Ejército*, n. 327-330. Montevidéu, Comando General del Ejército, Estado Mayor del Ejército, Departamento de Estudios Históricos, 2006. p. 35-68.

LOMBARDO, Ricardo. *Donde se cuentan proezas*: *Fútbol uruguayo (1920-1930)*. Montevidéu, Ediciones de la Banda Oriental, 1993.

LUZURIAGA, Juan Carlos. Albion Football Club. *Profetas y maestros*. Cuaderno de Historia 8: A romper la red: Abordajes en torno al fútbol uruguayo, Montevidéu, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 8, p. 35-48, 2012.

LUZURIAGA, Juan Carlos. *Nacional y Peñarol en el Novecientos: la génesis de la rivalidad clásica*. *Cuaderno de Historia 14:* A romper la red: Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad, Montevidéu, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 14, p. 193-206, 2014.

LUZURIAGA, Juan Carlos. *Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay*: *Nuevas miradas (1870-1920)*. Montevidéu, Alter ediciones, 2019.

MENDIONDO, Leonardo. *Fútbol, una identidad colectiva tradicional operativa y su dimensión presente en el Uruguay de Hoy*: *El caso Club Nacional de Fútbol/Club Atlético Peñarol.* Monografia (Licenciatura em Sociologia) — Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, Montevidéu, 2003.

MORALES, Andrés. *Fútbol, Política y Sociedad*: *Las relaciones entre el poder político, la identidad nacional y el fútbol en el Uruguay, 1916-1930*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas, Opção História Rioplatense) – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. Montevidéu, 2013.

MORALES, Franklin. *Los albores del fútbol uruguayo*. In: AA. VV., Cien años de fútbol: Historia del fútbol uruguayo. 1969-1970, n. 1. Montevidéu, Editores Reunidos, 1969. p. 3-20.

NAHUM, Benjamín. *Historia uruguaya*: tomo 6: 1905-1930 – La época batllista. Montevidéu, Ediciones de la Banda Oriental, 1974.

OROÑO, Mariela. *La escuela en la construcción de las fronteras culturales y lingüísticas en el Uruguay de fines del siglo XIX*. Páginas de educación, Montevidéu, v. 9, n. 1, p. 146-160, 2016.

PELLEGRINO, Adela. *La población de Uruguay*: *breve caracterización demográfica*. Montevidéu, Doble Clic, 2010.

PEW RESEARCH CENTER. *Religion in Latin America*: *Widespread Change in a Historically Catholic Region.* Washington DC, 13 de nov. 2014. Disponível em: https://www.pewresearch.org/religion/2014/11/13/religion-in-latin-america/. Acesso em: 20 mai. 2025.

REISCH, Matilde. *Movimiento clubista y desarrollo deportivo en Uruguay*. Cuaderno de Historia 8: A romper la red: Abordajes en torno al fútbol uruguayo, Montevidéu, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 8, p. 19-34, 2012.

RHAMEY JR, J. Patrick; EARLY, Bryan R. *Going for the gold: Status-seeking behavior and Olympic performance.* International Area Studies Review, Seul, v. 16, n. 3, p. 244-261, 2013.

SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do "batllismo" no Uruguai, 1903-1958*. São Paulo, Annablume, 2003.

STREET, John. *Artigas y la Emancipación del Uruguay*. Montevidéu, Barreiro y Ramos, 1967.

Fontes documentais

El Día, Montevidéu, 17 abr. 1897, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, n. 2.243, p. 1. Jootball, El gran partido del jueves. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.2.

El Día, Montevidéu, 24 abr. 1897, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, n. 2.249, p. 1. Football, El gran partido de mañana. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.2.

El Día, Montevidéu, 4 jul. 1898, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, n. 2.601, p. 4. Football, El internacional de ayer. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.4.

El Día, Montevidéu, 1 jun. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.878, p. 1. Football, El gran partido internacional de hoy, En la cancha del Paso Molino. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevidéu, 2 jun. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.879, p. 2. Football, El partido internacional de ayer, Triunfo de los orientales. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevidéu, 31 jul. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.969, p. 1. En honor de Roca, El partido internacional de ayer, triunfo de los porteños, 2 goals contra 1. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevidéu, 25 set. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.977, p. 2. Football, El partido de ayer, Clausura de temporada. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevidéu, 11 mai. 1901, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, n. 3.480, p. 2. Football, Los partidos de mañana, La "Association Football League" en acción. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.8.

El Día, Montevidéu, 31 ago. 1902, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, n. 3.951, p. 1. Football, Los partidos de esta tarde. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.10.

El Día, Montevidéu, 14 mar. 1903, Época 1, ano 17, Época 2, ano 15, n. 4.144, p. 2. Football, Con rumbo á San José. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.11.

El Día, Montevidéu, 15 ago. 1909, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, s.n., p. 5. Deportes fisicos, Football, Los partidos del día. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.23.

El Día, Montevidéu, 18 jul. 1916, Época 1, ano 28, Época 2, ano 25, n. 10.035, p. 5. Deportes y juegos, Football, Los uruguayos conquistan el campeonato sudamericano, El partido de ayer en Buenos Aires. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 418.

El Día, Montevidéu, 14 mai. 1919, Época 1, ano 31, Época 2, ano 29, n. 11.053, p. 5-6. Cultura física, El Campeonato Sud Americano de Football, Éxito de los uruguayos en la segunda jornada. Vencen á los argentinos por 3 goals á 2 – Amplia información telegráfica. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 425.

El Día, Montevidéu, 3 dez. 1923, Época 1, ano 44, Época 2, ano 32, n. 14.201, p. 7. Uruguayos, campeones de América!, Nuestros campeones irán a Europa. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 438.

El Día, Montevidéu, 10 jun. 1924, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, n. 14.887, p. 6. El team invencible de la Asociación Uruguaya de Football conquista el Campeonato del Mundo. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 440.

El Día, Montevidéu, 13 jun. 1924, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, n. 14.890, p. 9. Cultura física, Football, Retorno de los campeones. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 440.

El Día, Montevidéu, 20 mai. 1928, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, n. 16.488, p. 8. Cultura física, Continúa el torneo Olímpico de Football, Las llamadas de nuestra sirena. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 456.

El Día, Montevidéu, 10 jun. 1928, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, n. 16.500, p. 6. ¿Subirá nuevamente al mástil olímpico la bandera uruguaya?, Final de Olimpíada. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 456.

El Día, Montevidéu, 31 jul. 1930, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, n. 17.276, p. 9. ¡¡Uruguay campeón del mundo!!. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 466.